

REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 20 - número 40 - outubro 2011

vol. 20 - número 40 - outubro 2011

Fundação Eng. António de Almeida



NOTA EDITORIAL

CEM ANOS DE FILOSOFIA

Tal como frisámos no anterior fascículo o presente volume da *Revista Filosófica de Coimbra* não celebra só, neste ano de 2011, os vinte anos da nossa publicação periódica. Por um feliz acaso festejamos também o primeiro centenário da Faculdade de Letras e, com ele, cem anos de ensino superior de Filosofia em Portugal, e em Coimbra naturalmente. À sua maneira o artigo do signatário associa-se cordialmente a tão importante efeméride revisitando todos os nomes que durante cem anos se dedicaram à docência da Filosofia e à investigação superior na mesma disciplina. Todavia, o quadro despreziosamente esboçado – talvez o primeiro no seu género – não se limita à nomenclatura, mas tenta encontrar alguns veios nucleares que poderão caracterizar a *forma mentis* ou um perfil possível do Departamento. Simultaneamente propõe-se um balanço crítico em que convém refletirmos, talvez para os próximos cem anos!

O leitor tem agora em suas mãos um volume ricamente preenchido com sete artigos e uma tradução. Esta última retoma uma via aberta logo aquando da nossa criação (vd. *Revista Filosófica de Coimbra* 1: 1992) e agora, em se tratando do original de um eminente, mas muito desconhecido (sobretudo entre nós, estamos certos) pensador, Teodorico de Freiberg – recordamos que só temos uma tradução publicada (*O Ente e a Essência*, Coimbra 2003) cuja oportunidade remetia para o próprio Martin Heidegger –, quisemos publicar na íntegra o *Tratado sobre a Origem das Coisas Categóricas* (séc. XIII), o que acontecerá em três fascículos distintos, graças ao persistente labor de Luís M. Augusto.

Mas uma revista é sobretudo feita dos seus artigos que dão nota da mais recente investigação. Ao predomínio da filosofia alemã – Schelling, Cassirer e Heidegger –, uma constante sempre entre nós que pode ser perspectivada à luz do que o signatário escreveu na sua participação acima aludida, somam-se três estudos distintos: um sobre o Curso Jesuíta Conimbricense, um segundo sobre Paul Ricoeur e um outro debruçando-se sobre Hilary Putnam. Facto também assinalável no que toca a uma faceta da história da investigação no nosso Departamento, a presença de dois estudos – a somar ao contributo de Mário

S. de Carvalho – de alguma forma atinentes à filosofia em Portugal; num caso sobre a mais internacionalmente prestigiada obra de filosofia de lavra nacional (século XVI), um segundo sobre os reflexos de Schelling no nosso meio cultural.

Maria Luísa Portocarrero é sobejamente conhecida pelos seus estudos sobretudo no âmbito da Hermenêutica. Qualquer especialista de Gadamer e de Ricoeur lê atentamente as suas reflexões e elas têm aprofundado e apontado cada vez mais para o legado helénico. No presente fascículo a autora reflete sobre o modo como Ricoeur leu a ética de Aristóteles e, na esteira crítica deste e de Kant, evidencia a norma como o núcleo duro da ética para uma consciência não narcisista, acabando por pôr em relevo a actualidade da *phronesis* aristotélica. À guisa de contraste cabe lembrar que num recente volume, editado por Ricardo Pozzo, sobre a influência de Aristóteles do Renascimento ao século XX – mais concretamente a 1998 ano em que Gadamer publicou a sua tradução comentada da *Ética Nicomaqueia* VI – nem uma página é dedicada ao filósofo francês aqui estudado por L. Portocarrero.

No seu tão fértil estilo Edmundo Balsemão Pires continua a sua investigação no âmbito do Projecto “A Individuação da Sociedade Moderna” (LIF). Em “Génio e Individuação” sobressai uma investigação genealógica que, à volta dos dois vocábulos do título, se detém informativa e reflexamente sobre “melancolia”, “entusiasmo”, “gosto” e “génio”. Enquanto contributo adicional e inédito para a reflexão sobre o pensamento moderno e em particular sobre o seu conceito de “natureza humana” – embora remontando aos Gregos o artigo espraia-se mais atiladamente pelo século XVIII – o autor ilustra bem como “o sentido moderno do génio deriva do tratamento antigo da relação entre melancolia e ‘homem excecional’ mas altera profundamente o modo de entender a relação entre Homem e Natureza”.

Para além da história da Lógica mais moderna, e em particular da obra de Bertrand Russell, há muitos anos que Henrique Jales Ribeiro se dedica também à Filosofia em Portugal. Evidentemente, o seu presente contributo atento à receção de Schelling não se confina ao território nacional – é no fim de contas um certo espaço europeu que é visado – mas Antero de Quental e Leonardo Coimbra são estudados, pois o autor entende que ambos são influenciados por ele, indiretamente embora, evidenciando assim também a influência do espiritualismo francês e de alguma filosofia alemã em Portugal. A situação “original” de Leonardo Coimbra neste paralelo é particularmente significativa, mas o leitor mais interessado no dossiê Schelling poderá contar, com este estudo de J. Ribeiro, como dissemos, com um contributo informado acerca da receção europeia do autor do *System des transzendentalen Idealismus* (1800).

Já porque se tem evidenciado como tradutor de Martin Heidegger, já porque ao filósofo da Floresta Negra tem dedicado acrimoniosa reflexão, Alexandre Franco de Sá propõe-se compreender o movimento do pensar heideggeriano no período 1920/30. Estamos assim perante um contributo aprimorado para o escl-

recimento da própria construção do projeto da “ontologia fundamental”, sobretudo atento – é essa afinal a tese do artigo – à transformação do conceito de decisão.

Três bastante distintos artigos encerram a riqueza do presente fascículo. Christian Möckel estuda o Cassirer póstumo a fim de chegar a interrogar até que ponto o autor de *Die Philosophie der symbolischen Formen* (1923/29) atribuiu “um estatuto privilegiado à forma simbólica da linguagem”. Ch. Möckel não decide a questão, mas a sua indecisão não deixa de ser um contributo inédito, ainda mais precioso e tempestivo quando é feito sobre a mais recente publicação que se conhece de Ernst Cassirer. Talvez valha a pena lembrar ao leitor que não é esta a primeira vez que a *Revista Filosófica de Coimbra* dedica prestimosa atenção a Cassirer (vd. vol.4: 1995).

É sim a primeira vez que a nossa Revista destina um espaço a Hilary Putnam, talvez o filósofo norte-americano mais destacado na geração pós-Quine. Sofia Miguens, que acompanha Putnam na defesa do disjuntivismo (*The Threefold Cord: Mind, Body and World*) – notemos que se lhe poderia agregar os nomes de J.L. Austin, W. James, L. Wittgenstein e presentemente John McDowell –, procura evidenciar o “erro” do comumente chamado representacionismo, no que se apresenta como um contributo para o setor da filosofia da perceção, não no seu horizonte mais alargado qual o da defesa do realismo natural, antes de um ponto de vista mais minucioso e pragmático; de facto S. Miguens quis responder à seguinte pergunta, digamos mais especializada no quadro dos especialistas em Putnam: porque razão um artigo sobre evidência, “Criteria Defeasability and Knowledge”, foi escolhido para integrar uma Antologia dedicada ao disjuntivismo?

Este fascículo do outono de 2011 termina com uma originalíssima contribuição de Manuel Lázaro Pulido sobre a “disputatio de risu” que podemos ler no volume do Comentário dos Jesuítas de Coimbra ao ‘De Anima’ de Aristóteles (1598). Por óbvias razões, apraz-nos sobremaneira acolher esta tão interessante proposta – notem-se as omissões de Manfred Geier no seu recente *Worüber kluge Menschen lachen. Kleine Philosophie des Humors* (2006) – sobre quem entre nós se antecipou ao interesse filosófico sobre o mesmo tema por parte, por exemplo, de um Henri Bergson.

Pela impressiva mas entusiasmada recensão que acabou de descobrir estamos em crer que o leitor comemorará como nós com esta mais recente expressão dos cem anos da Filosofia que se faz em Coimbra e em Portugal.

outubro de 2011
Mário Santiago de Carvalho